

# A traição de Judas: uma história mal contada

*“Afastese da boca enganosa e fique longe dos lábios falsos.” (Provérbio 4,24)*

## Introdução

É interessante como alguns temas bíblicos não resistem a uma análise mais acurada. Vários deles, que já tratamos em outros textos, nos proporcionam a certeza de que muitas narrativas constantes da Bíblia são uma deliberada e sutil montagem para se chegar a um objetivo previamente definido. Daí porque muitas delas foram amoldadas a esse propósito, passando por cima da verdade histórica que tais escritos deveriam conter.

Muitas pessoas se chocam com atitudes como essa nossa: a de uma análise crítica. Entretanto, não abrimos mão de fazer uso da inteligência com a qual nos dotou o Criador. Nós, seres humanos racionais, temos que usar esse dom, pois, não usá-lo é abdicar da única faculdade que nos difere dos animais, ditos irracionais; por isso, acreditamos que só ofendemos mesmo a Deus, quando não utilizamos a nossa inteligência plenamente.

Reconhecemos, entretanto, ser muito difícil a inúmeras pessoas, principalmente as que não pesquisam, abandonar conhecimentos adquiridos, especialmente quando foram passados como verdades divinas, sob coação ideológica. Ou seja, o simples questionamento da veracidade das mesmas já é, por si só, considerado como grave ofensa à divindade. Essa possibilidade de heresia acaba gerando um bloqueio mental, em função do medo de crer-se num conseqüente castigo por esse tipo de “pecado”.

Assim, somos “levados” a aceitar, sem o mínimo questionamento, o que nos tem sido imposto como verdade absoluta. Com o tempo, passamos ao despautério de defender ideias, que nunca analisamos ou criticamos, como se nossas fossem.

O assunto que trataremos, desta vez, está relacionado a uma suposta traição a Jesus, que teria sido realizada por Judas Iscariotes, um de seus discípulos. Inclusive, tudo que consta na Bíblia sobre ele está somente nas passagens que iremos ver a seguir. Dizemos suposta, porquanto, particularmente, acreditamos que o Sinédrio tinha poderes de vida e morte sobre as pessoas, não precisava, portanto, de ninguém para delatar Jesus. O *Sanhedrin* ou o Grande Conselho dos Anciãos de Israel, com 71 homens sobre a presidência do sumo sacerdote, “podia decretar sentença de morte contra os judeus da Judeia por motivo de ofensa religiosa, mas não executá-la antes

de confirmação do poder civil”. (DURANT, 1957, p. 211).

Bart D. Ehrman, especialista em Novo Testamento, em sua obra *Quem escreveu a Bíblia: por que os autores da Bíblia não são quem pensamos que são*, traz-nos a seguinte informação:

[...] Os autores de alguns dos livros do Novo Testamento não eram quem alegavam ser ou quem se imaginou que seriam. Em alguns casos, isso se deu porque um escrito anônimo, no qual o autor não indicava quem era, foi posteriormente atribuído a alguém que, na verdade, não o escreveu. Mateus provavelmente não escreveu Mateus, por exemplo, nem João, João; por outro lado, nenhum livro de fato alega ter sido escrito por uma pessoa chamada Mateus ou João. Em outros casos, isso aconteceu porque o autor mentiu sobre sua identidade, alegando ser alguém que não era. [...] (EHRMAN, 2013, p. 19).

Essa é a razão pela qual usaremos a expressão “o autor de” ao referirmos aos Evangelhos, uma vez que, os estudiosos modernos não mais atribuem a autoria dos textos aos nomes que constam em seus títulos.

### **Análise das narrativas**

Iniciaremos, trazendo para análise, a seguinte passagem, cujo teor parecerá que nenhuma ligação tem com o nosso estudo:

Mateus 19,27-29: *“Então Pedro tomou a palavra, e disse: ‘Vê! Nós deixamos tudo e te seguimos. O que vamos receber?’ Jesus respondeu: ‘Eu garanto a vocês: no mundo novo, quando o Filho do Homem se sentar no trono de sua glória, **vocês, que me seguirem, também se sentarão em doze tronos para julgar as doze tribos de Israel.** E todo aquele que tiver deixado casas, irmãos, irmãs, pai, mãe, filhos, campos, por causa do meu nome, receberá muitas vezes mais, e terá como herança a vida eterna.’”*

Se Jesus disse que discípulos “também se sentarão em doze tronos”, então, não há como, nesse momento histórico, excluir o personagem Judas Iscariotes, sob pena de tornar Jesus um mentiroso, o que seria algo sem lógica.

A nosso ver, aqui temos uma prova de que a “profecia” a respeito de um traidor entre os que seguiam Jesus é apenas um ajuste dos textos a mais uma crença que se formou a respeito de Jesus.

O autor de Lucas, afirma que, após satanás ter entrado em Judas, este foi procurar os sacerdotes para ver de que maneira lhes entregaria Jesus (Lucas 22,3-6). Os sacerdotes ficaram tão satisfeitos com essa ideia que combinaram em lhe dar dinheiro, uma vez que eles desejavam, de há muito tempo, eliminar “o herético”. Tal acontecimento se deu, na versão do autor desse Evangelho, antes da festa dos Ázimos; evidentemente, antes da ceia de páscoa, cujo prato principal era um cordeiro

morto especificamente para essa finalidade.

No entanto, segundo o autor de João, esse fato se deu após a ceia (João 13,26-27), apesar de um pouco antes, ele ter dito: “*Enquanto ceavam, tendo já o diabo posto no coração de Judas, filho de Simão Iscariotes, que o traísse*” (João 13,2), sendo, por conseguinte, omissos sobre qualquer combinação anterior entre Judas e os sacerdotes. Portanto, podemos verificar que há evidente conflito entre as narrativas, quanto ao tempo em que o fato se deu.

Merece ser ressaltado que se a morte de Jesus foi para remissão de nossos pecados, como comumente se pensa ou insistem que creiamos, então, Judas não poderia, por coerência, ser considerado um traidor, porquanto devemos admitir que a missão dele, embora espinhosa, era a de entregar Jesus. Entretanto...

Nada disso faz muito sentido. Mesmo a solução religiosa mais comum – de que, **embora Judas esteja efetivamente cumprindo a vontade de Deus, ele é culpado porque se rendeu a Satanás** – não leva em consideração as contradições. Até o autor parece ter dificuldade ao tentar explicar a falta de lógica – como a questão dos discípulos se perguntando se Judas teria ido fazer compras tarde da noite. Não, isso não faz sentido. (CHURTON, 2009, p. 219, grifo nosso)

Concordamos plenamente com Tobias Churton, não faz mesmo sentido algum.

Quanto à questão dessa combinação com os sacerdotes, Mateus (26,15) diz que Judas pediu dinheiro para lhes entregar Jesus, enquanto que Marcos (14,11) e Lucas (22,5) afirmam que foram os sacerdotes que tomaram a iniciativa de retribuir ao discípulo, dando-lhe dinheiro como recompensa pelo seu ato ignominioso.

Um bom observador perceberá que, pelas suas narrativas, Mateus teve uma evidente preocupação, qual seja, a de relacionar Jesus com as profecias, inclusive, muito mais que os outros três autores dos Evangelhos. Daí ser ele o único que diz sobre o quanto Judas teria recebido, dando como certa a importância de trinta moedas de prata (Mateus 26,15; 27,3). Essas duas passagens que falam disso são, geralmente, relacionadas a Zacarias 11,12-13, no pressuposto de que ela seja uma profecia; entretanto, os fatos ali narrados se referem ao próprio profeta Zacarias; não é, por conseguinte, uma revelação sobre algo que fosse ocorrer no futuro.

Ainda sobre essa questão das moedas, é oportuno colocarmos o que, em *O beijo da morte*, nos informa Churton:

[...] **A quantia de 30 peças de prata** não era um preço convencional ou troca, mas um número profético, simbólico – foi o preço pago por um povo ingrato pelos serviços de Deus. Na profecia, **a quantia é uma ninharia, não uma fortuna.**

Uma simples barganha de informações em troca de dinheiro dificilmente

envolveria esses símbolos. Se Judas pensou que estava traindo “Deus”, era quase certo que ele estava louco, e, portanto, merecia compaixão, ou, pelo menos, uma cura.

**É opinião geral dos estudiosos que o relato da troca pela prata foi simplesmente extraído dos escritos proféticos e usado como uma história de “cumprimento”, para preencher uma falta de conhecimento do que aconteceu.** Se esse for o caso, essa troca não pode ter um peso significativo na alegada culpa de Judas. (CHURTON, 2009, p. 234, grifo nosso)

Como se diz “vendeu barato”, portanto, até o valor, supostamente combinado, deixa-nos realmente na dúvida se tal troca, de fato, aconteceu.

Ao narrar os acontecimentos durante a ceia, Mateus relata: *“Enquanto comiam, Jesus disse: 'Eu lhes garanto: um de vocês vai me trair'. Eles ficaram muito tristes e, um por um, começaram a lhe perguntar: 'Senhor, será que sou eu?’”* (Mateus 26,21-22). Achamos bem interessante é que todos eles não confiavam e si mesmo, pois ao dizerem *“Senhor será que sou eu?”* estavam demonstrando que intimamente tinham “potencial” para praticar tal ato ou “Será que todos eles estavam preocupados, pois todos tinham sido tentados a trai-lo – e suas negativas são expressões de culpa?” (CHURTON, 2009, p. 198)

E Jesus, ao responder essa indagação de cada um dos discípulos sobre quem o trairia, teria dito: *“Quem vai me trair, é aquele que comigo põe a mão no prato. O Filho do Homem vai morrer, conforme a Escritura fala a respeito dele...”* (Mateus 26,23-24). Passagem que é relacionada ao Salmo 41,10, onde Davi reclama sobre um amigo que o trai. O que nos leva a concluir que tal passagem não é uma profecia; assim, não poderia estar relacionada a Jesus, como querem os que buscam, nas Escrituras, apoio para seus dogmas. Davi foi traído por um amigo, seu próprio conselheiro, de nome Aquitofel, conforme narrativa em 2 Samuel 15,12.31. O final trágico da vida desse “amigo da onça” foi enforcar-se (2 Samuel 17,23); com isso, querem, igualmente, atribuir esse mesmo destino a Judas, como iremos ver mais à frente.

Outra coisa que nos parece sem nenhum sentido, principalmente pela maneira com a qual Jesus agia para com os outros, é que Ele tenha, com efeito, se preocupado em delatar o seu traidor, conforme narrado em João 13,26, quando, para identificar quem o trairia, diz aos que o acompanhavam, naquela ceia, que seria a quem desse um pão molhado; dito isso, imediatamente, molha um pão e o entrega a Judas, delatando o pobre coitado. Talvez a preocupação aqui seja buscar mais uma forma de relacionar tal episódio a uma profecia sobre esse acontecimento, que sabemos não existir.



Mateus (26,48) e Marcos (14,44) dizem que Judas havia combinado com os sacerdotes um sinal - o beijo - para que pudessem identificar quem era Jesus, e, obviamente, o colocam fazendo isso (Mateus 26,49; Marcos 14,45). Lucas, apesar de não relatar absolutamente nada sobre esse sinal, diz que Judas se aproximando de Jesus o saúda com um beijo (Lucas 22,47). Enquanto que João não fala de ter havido uma combinação de sinal, nem que

Jesus teria dito algo a respeito, e nem mesmo coloca Judas beijando a Jesus, já que, para ele, foi o Mestre que se adiantou, aos guardas acompanhados de Judas, se identificando a eles como sendo Jesus, o Nazareno, a quem procuravam (João 18,3-5). Fatos novamente conflitantes.

Nenhum outro Evangelho, a não ser o de João, coloca Judas como sendo aquele que, entre os discípulos, cuidava da “bolsa”; vai ainda mais longe acusando-o de ladrão (João 12,6). Como uma acusação grave dessa não foi feita por mais ninguém? Aí ficamos com a dúvida de Churton que disse “O Evangelho de João nos informa - não sabemos com que justificação histórica - que Judas tomava conta da bolsa (do dinheiro)” (CHURTON, 2009, p. 192)

Se Judas, realmente, fosse um gatuno, por que motivo o deixaram tomando conta do dinheiro? Alguém colocaria um ladrão como seu administrador financeiro? Não seria, evidentemente, para colocar a honra desse discípulo em jogo, fórmula encontrada para se justificar que, por ser assim, ele não teria também nenhum escrúpulo em trair o seu próprio Mestre? Essa hipótese, para nós, é a mais viável.

Não bastassem os que já encontramos, aparecem-nos agora mais dois evidentes conflitos.

O primeiro está relacionado à forma pela qual Judas deu cabo à sua vida, movido, segundo relata o autor de Mateus, por profundo remorso. Estranhamente é o único Evangelho que fala disso; nenhum outro autor apresenta uma linha sequer sobre Judas ter se arrependido. Continuando seu relato, o autor de Mateus (27,5) diz que Judas se enforcou; entretanto, em Atos (1,18) está se afirmando que ele “*precipitando-se, caiu prostrado e arrebentou pelo meio, e todas as suas entranhas se derramaram*”, mudando, desta maneira, a versão anterior a respeito de sua morte. Encontramos a seguinte explicação para esse passo: “Possivelmente a narração da morte de Judas enforcando-se, está inspirada na história da morte de Aquitofel (cf. 2 Samuel 17,23)” (Bíblia Sagrada Santuário, p. 1463)

Conforme citamos anteriormente Aquitofel enforcou-se, mas querer, daí, apenas por inspiração, atribuir a Judas uma morte semelhante é lamentável, pois esse fato bíblico deveria ter sido relatado fielmente como ocorrido, aliás, não só esse, mas todos os outros; não como o autor do relato quer que tenha acontecido, o que nos coloca diante de uma mera suposição.

Quem sabe se não houve uma outra justificativa para Judas se enforçar? É o que nos propõe Churton:

Quando o arqueólogo israelense Yigael Yadin escavou a fortaleza e o palácio de Massada, o mundo todo descobriu que no ano de 74 d.C. zelotes devotos, em sua determinação de manter sua religião livre da contaminação romana, estavam prontos a cometer suicídio em massa em vez de se render aos romanos. “Nunca novamente!” **Talvez Judas tenha se enforcado para não se entregar aos soldados romanos. O cenário político mais detalhado que surgiu dessa pesquisa arqueológica deu outra direção à ideia do suicídio de Judas.** [...]. (CHURTON, 2009, p. 190, grifo nosso)

Já tivemos a oportunidade de ver algumas pessoas tentando conciliar os dois tipos de morte de Judas, dizendo várias coisas como, por exemplo, que no seu enforcamento ele teria caído num precipício. Mas será que isso pode ser levado em conta? O estudioso Bart D. Ehrman, ex-evangélico, falando a respeito disso, afirmou:

**Ao longo dos anos os leitores tentaram conciliar esses dois relatos da morte de Judas.** Como ele podia se enforçar e cair “de cabeça para baixo”, para que sua barriga se abrisse e seus intestinos se espalhassem pelo solo? **Interpretes engenhosos, querendo fundir os dois relatos em uma só narrativa verdadeira, tiveram grande dificuldade com isso.** Talvez Judas tivesse se enforcado, a corda arrebitado e ele caído no chão de cabeça, se partido ao meio. Ou talvez tivesse se enforcado, e como isso não tivesse dado certo, então subiu em uma rocha alta e se jogou de cabeça no campo. Ou talvez... bem, talvez alguma outra coisa.

O importante, contudo, é que os dois relatos oferecem versões diferentes sobre como Judas morreu. Por mais misterioso que seja dizer que caiu de cabeça e se rasgou, pelo menos isso não é se “enforçar”. [...]. (EHRMAN, 2010, p. 60-61, grifo nosso)

Ao pesquisarmos, para obtermos outras explicações, para nossa própria surpresa, deparamo-nos também com uma outra versão sobre sua morte; leiamos:

[...] a maneira como ele morreu. Existem essencialmente **três tradições** diversas sobre a questão:

1. A narrativa do livro de Atos parece indicar que a morte de Judas Iscariotes foi *violenta*, produzida por alguma espécie de **queda** incontrolável, evidentemente por algum precipício abaixo.

2. Há também a narrativa de Mat. 27:3-10, segundo a qual Judas Iscariotes **enforcou-**

se.

3. **Por semelhante modo, há uma história, preservada por Papias**, discípulo do apóstolo João (ou do “presbítero”) de que Judas Iscariotes foi atacado por alguma **enfermidade** asquerosa, que causou uma excessiva *inchação* de seu corpo e que, estando ele nessas condições físicas, foi esmagado por uma carroça, em um lugar de estreita passagem, por onde ordinariamente poderia ter passado com sucesso, se não tivesse inchado tanto. (Ver J.A. Cramer, *Catanae in Evangelia, S. Matthaei et S. Marci*, Oxford: Typographeo Academico, 1884, sobre o vigésimo sétimo capítulo do evangelho de Mateus). Alguns intérpretes têm sugerido que essa história, preservada por Papias, na realidade é a mesma que aparece historiada nas páginas do livro de Atos e que a tradução que aqui aparece como “*precipitando-se*” (comum, de resto, a todas as traduções), traduz um termo médico obscuro (no grego *prestheis*), que indicava inchação excessiva. (Essa teoria é exposta na obra “*The Beginnings of Christianity*”, editores F.J. Foakes Jackson e Kirsopp Lake: Londres, The Macmillan Co. 1933, V. págs. 22-30).

Além das ideias acima expostas, várias outras interpretações têm aparecido, ou de natureza inteiramente apócrifa, ou como variações das tradições já existentes. Alguns intérpretes têm asseverado que as palavras “...foi enforcar-se...”, da passagem de Mat. 27:5, na realidade deveriam ser traduzidas por *sufocou-se*, deixando um tanto *vago* o modo real de sua morte. Outros estudiosos têm pensado que essas palavras significam que ele foi consumido pelo remorso de consciência. Mui provavelmente essas explicações vieram a lume na tentativa de reconciliar a narrativa do livro de Atos com o relato do evangelho de Mateus, posto que, mediante tais interpretações, nenhum modo específico de morte pode ser atribuído à narrativa de Mateus. Tais tentativas, não obstante, não são bem fundadas, e nem têm sido bem recebidas pelos estudiosos em geral.

Uma outra tentativa de reconciliação entre essas duas narrativas, é aquela que diz que as narrativas do evangelho de Mateus e do livro de Atos são descrições de *várias etapas* da morte de Judas. – A ideia é que Judas pendurou-se por uma corda ou em um ramo, o qual ter-se-ia *partido*, precipitando-o para baixo e propiciando as condições descritas em Atos. **Essa interpretação tem deixado a vários estudiosos satisfeitos; mas outros têm-na considerado como mera tentativa de harmonizar os relatos bíblicos a qualquer custo, até mesmo ao preço da honestidade.**

É justo dizermos que o problema permaneceu praticamente *sem solução* nos tempos antigos; e para muitos intérpretes, é nesse ponto de insolubilidade que o problema se encontra até hoje. Mas todas as narrativas, até mesmo as lendárias, concordam sobre o ponto de que Judas Iscariotes sofreu alguma forma de *morte violenta e horrenda*. [...] (CHAMPLIN e BENTES, 1995, p. 622, grifo nosso)

O segundo diz respeito ao destino dado às moedas. O autor de Mateus menciona que Judas as teria devolvido, atirando-as dentro do santuário, que, recolhidas pelos sacerdotes, foram, por deliberação deles, destinadas à compra do campo do oleiro, para servir de cemitério aos estrangeiros (Mateus 27,3-10), citando que isso aconteceu para se cumprir o que dissera o profeta Jeremias. Mas essa história nos parece mal contada, pois em Atos se diz que o próprio Judas teria comprado um campo (Atos 1,18), que até poderia ser esse do oleiro; mas, de qualquer forma, está em conflito com a versão anterior.

Na maioria das Bíblias que consultamos diz que as profecias relacionadas a Mateus 27,9: “*Cumpriu-se, então, o que foi dito pelo profeta Jeremias: Tomaram as trinta moedas de prata, preço do que foi avaliado, a quem certos filhos de Israel*

*avaliaram e deram-nas pelo campo do oleiro, assim como me ordenou o Senhor*”, estariam nos passos: Zacarias 11,12-13 e Jeremias 32,5-16, ou Jeremias 18,1-4 e 19,1-3 (Bíblia Anotada, p. 1229). Há, portanto, sérias dúvidas quanto à identificação da profecia específica relacionada ao episódio. Como já falamos sobre a citação de Zacarias, fica-nos, por conseguinte, apenas as de Jeremias para dizermos alguma coisa. Em notas explicativas sobre elas encontramos que: “A citação é uma combinação artificial de Jeremias 32,6-9 e Zacarias 11,12-12” (Bíblia do Peregrino, p. 2386); isso nos deixa diante da realidade de que, por se admitir que seja “uma combinação artificial”, estamos, certamente, diante de mais uma tentativa de se relacionar acontecimentos no Novo Testamento com ocorrências registradas no Antigo Testamento, tidas como se fossem verdadeiras profecias.

Quem tiver a curiosidade de consultar a passagem citada de Zacarias não encontrará nela algo no qual se possa qualificá-la como profecia; são apenas fatos relacionados àquele momento vivido por esse profeta. E quanto a Jeremias, não se encontra absolutamente nada que ele tenha comprado alguma coisa por trinta moedas. Sobre a compra de um terreno, sim, como podemos ver em Jeremias (32,6-12); mas uma situação circunstancial, explicada da seguinte forma:

À primeira vista se trata de um incidente: a compra e venda de um terreno segundo as normas e o procedimento da legislação judaica. O narrador se compraz em registrar todos os detalhes, mostrando que a lei foi estritamente cumprida e que o ato é juridicamente válido. O surpreendente dessa compra-e-venda é que se realiza às vésperas da catástrofe inevitável. Que sentido tem nesse momento comprar um terreno para que fique em poder da família? Tudo já está perdido. Mas o absurdo do ato é a chave do seu sentido. Para efeitos legais imediatos, a compra nada servirá; para efeitos proféticos, é admirável ato de esperança no futuro. É um oráculo em ação, Jeremias profetiza ao vivo: não só palavras, nem ação simbólica, mas ato real jurídico. Esse ato significa o futuro que ele antecipa: a jarra de barro onde se guarda o contrato é um penhor que Deus concede. Apesar do que está para acontecer, a terra continua sendo propriedade dos judeus: a terra prometida aos patriarcas e possuída durante séculos... (Bíblia do Peregrino, p. 1928)

Podemos ainda confirmar isso com a seguinte explicação: “A citação [Mt 27,9] é tirada na realidade de Zacarias (11,12-13). Mas, ele lembra também diversos versículos de Jeremias onde se faz menção do campo e do oleiro (32,6-6; 18,2-12)”. (Bíblia Ave-Maria, p. 1319). Ressaltamos que a expressão “ela lembra”, é uma afirmativa que depõe contra o próprio texto que, positivamente, diz ser de Jeremias essa profecia.

## **Conclusão**

Percebemos que as narrativas possuem diversos fatos conflitantes entre si,



deixando-nos na convicção que tudo não passa, na melhor das hipóteses, de um ajuste dos textos para se chegar a um objetivo pré-determinado, conforme já falávamos, desde o início. Para se ter uma ideia mais exata sobre isso, colocaremos a passagem Mateus 27,1-26, que, para tornar a explicação mais fácil de ser entendida, iremos dividi-la em três partes:

I) 1-2: *De manhã cedo, todos os chefes dos sacerdotes e os anciãos do povo convocaram um conselho contra Jesus, para o condenarem à morte. Eles o amarraram e o levaram, e o entregaram a Pilatos, o governador.*

II) 3-10: *Então Judas, o traidor, ao ver que Jesus fora condenado, sentiu remorso, e foi devolver as trinta moedas de prata aos chefes dos sacerdotes e anciãos, dizendo: "Pequei, entregando à morte sangue inocente". Eles responderam: "E o que temos nós com isso? O problema é seu". Judas jogou as moedas no santuário, saiu, e foi enforcar-se. Recolhendo as moedas, os chefes dos sacerdotes disseram: "É contra a Lei colocá-las no tesouro do Templo, porque é preço de sangue". Então discutiram em conselho, e as deram em troca pelo Campo do Oleiro, para aí fazer o cemitério dos estrangeiros. É por isso que esse campo até hoje é chamado de "Campo de Sangue". Assim se cumpriu o que tinha dito o profeta Jeremias: "Eles pegaram as trinta moedas de prata - preço com que os israelitas o avaliaram - e as deram em troca pelo Campo do Oleiro, conforme o Senhor me ordenou".*

III) 11-26: *Jesus foi posto diante do governador, e este o interrogou: "Tu és o rei dos judeus?" Jesus declarou: "É você que está dizendo isso". E nada respondeu quando foi acusado pelos chefes dos sacerdotes e anciãos. Então Pilatos perguntou: "Não estás ouvindo de quanta coisa eles te acusam?" Mas Jesus não respondeu uma só palavra, e o governador ficou vivamente impressionado. Na festa da Páscoa, o governador costumava soltar o prisioneiro que a multidão quisesse. [...]."*

Para o que queremos colocar não é necessário citar toda a narrativa; assim, omitimos o restante da sequência dessa última (vv. 16-26), pois até aqui, no versículo 15, já encontramos o suficiente para entendermos e percebermos que os versículos de 3-10 nada têm a ver com o contexto geral daquilo relatado na passagem. Inclusive, no versículo 3 está dito que Judas viu que Jesus havia sido condenado, quando, no desenrolar do texto, esse fato ainda não havia acontecido, que só veio acontecer mais à frente. A quebra brusca na sequência dessa narrativa, não deixou de ser percebida pelo tradutor da *Bíblia do Peregrino*, conforme nos explica:

O episódio da morte de Judas interrompe estranhamente o curso do relato, como se a entrega de Jesus ao governador ultrapassasse suas previsões. Sabemos que a figura de Judas alimentou desde cedo fantasias legendárias. Lucas dá versão diferente (At 1,18-20). A morte violenta do perseguidor ou culpado é tema literário conhecido (p. ex. Absalão, 2Sm 18; Antíoco Epífanes, 2Mc9; em versão poética vários oráculos proféticos, p. ex. Is 14; Ez 28). Antes de morrer, Judas acrescenta seu testemunho sobre a inocência de Jesus. Confessa o pecado, mas desespera

do perdão... (*Bíblia do Peregrino*, p. 2385-2386)

Isso vem confirmar todas as nossas suspeitas de que tudo foi um calculado “arranjo” visando ajustar os textos às conveniências dos interessados para que eles tivessem referências às suas idiossincrasias. E, em relação ao assunto tratado, temos fortes suspeitas de que vários outros trechos foram intercalados às narrativas bíblicas, para amoldá-los a um propósito determinado. Podemos citar, como exemplo, Mateus 26,14-16; 21-25; 28,11-15; Marcos 10,10-12; 14,18-21; Lucas 22,3-6, 21-23; João 1,33; 11,12-16, para que você, caro leitor, faça uma análise mais aprofundada.

Podemos ainda recorrer a Ernest Renan (1823-1892), que disse:

Quanto ao desgraçado **Judas de Cariote, lendas terríveis correram sobre sua morte**. Disseram que, com o prêmio de sua perfídia, comprara umas terras nos arredores de Jerusalém. Havia, justamente, ao sul do monte Sião, um local chamado *Hakeldama* (campo de sangue)(8). Pensou-se que era a propriedade adquirida pelo traidor(9). Segundo uma tradição, ele se matou(10). Segundo uma outra, ele levou um tombo na sua propriedade e, como consequência, suas entranhas se espalharam pelo chão(11). Segundo outras, ele morreu de uma espécie de hidropsia, acompanhada de circunstâncias repugnantes que foram tomadas como castigo do céu(12). **O desejo de comparar Judas a Achitofel(13) e de mostrar nele o cumprimento das ameaças que o Salmista pronunciou contra o amigo pérfido(14) pode ter dado ensejo a essas lendas.**

8. São Jerônimo, *De situ et nom. Loc. hebr.*, para a palavra Acheldama. Eusébio (*ibid.*) diz ao norte. Mas os itinerários confirmam a lição de São Jerônimo. A tradição que nomeia Haceldama à necrópole situada no fundo do vale de Hinon remonta pelo menos à época de Constantino.

9. Atos, I, 18-19. Mateus, ou melhor, seu interlocutor, deu aqui um tom menos satisfatório à tradição, a fim de ligar a isso a circunstância de um cemitério para estrangeiros, que se achava perto dali, e de encontrar uma pretensa confirmação em Zacarias, XI,12-13.

10. Mat. XXVII, 5.

11. Atos, I.c.; Pápias, em Ecumenius, *Enarr. in Act. Apost.*, II e em Fr. Münter, *Fragm. Patrum graec.* (Hafniae, 1788, fasc. I, p. 17 e seg.; Teofilacto, em Mat., XXVII, 5.

12. Pápias, em Münter, I.c., *Teofilacto*, I.c.

13. II Sam., XVII,23.

14. Salmos LXIX e CIX.

(RENAN, 2004, p. 397, grifo nosso)

Ficamos a pensar como se sentiu e como ainda pode estar se sentindo Judas sobre tudo quanto lhe imputam como procedimento. O pobre coitado ainda é julgado e condenado, anos após anos, pelos ditos “cristãos”, que, com certeza, não cumprem o: *“Não julgueis os outros para não serdes julgados, porque com o julgamento com que julgardes, sereis julgados e com a medida que medirdes sereis medidos”* (Mateus 7,1-2). Não bastasse isso, ainda é humilhado, malhado e, ao final, é espetacularmente “detonado”. Infelizmente esse nos parece ser o seu destino cruel, que se perpetua anualmente nas comemorações da Semana Santa, realizadas por determinadas

religiões cristãs tradicionais.

Reabrimos esse “processo”, pois temos em mãos a revista *Discovery Magazine* de março/2005, com uma interessante reportagem intitulada *Últimos momentos de Jesus*, assinada pelo jornalista Walter Falceta Jr., da qual transcrevemos os seguintes trechos:

[...] Mas pesquisas mais recentes lançam novos olhares especialmente sobre o odiado Judas – aquela figura que, vestida em boneco de trapos, mobiliza os malhadores nos Sábados de Aleluia.

Ao contrário da tradição, os estudos modernos são mais complacentes com o discípulo dissidente, tido no imaginário popular como um homem ambicioso e sem caráter. O magistrado israelense Haim Cohn, ex-juiz da Suprema Corte de Israel, autor de *O Julgamento e a Morte de Jesus*, defende que, à época da Paixão, Jesus já era conhecido em Jerusalém e sabia-se de seu costume de meditar no Monte das Oliveiras. **“Não seria necessário, portanto, que alguém indicasse seu refúgio”**, diz Cohn. Dessa forma, **o episódio do “beijo da traição”, que teria sido protagonizado por Judas para indicar aos soldados romanos o momento adequado da captura de Jesus, pertenceria ao campo da lenda e não da realidade...**

Para outros especialistas, o perfil de Judas foi moldado para representar os arquétipos da maldade. De acordo com o bispo da Igreja Anglicana John Spong, de Newark (EUA), até o nome de Judas teria sido escolhido para remeter o inconsciente coletivo ao termo “judaísmo”, numa estratégia para marcar negativamente a imagem dos primeiros opositores do cristianismo.

### FICÇÃO NOS EVANGELHOS

Na década passada, o padre Raymond Brown, ex-professor do Seminário Teológico União, de Nova York, produziu o mais detalhado estudo sobre o que aconteceu nos últimos dias da vida de Cristo. Um calhamaço de 1.600 páginas, o livro *The Death of J. B. Howell the Messiah* (“A morte do Messias”, ainda não editado no Brasil) compara os argumentos de vários intérpretes da Bíblia, os chamados exegetas, à luz de dados históricos. Em seus textos, Brown dá crédito aos escritos oficiais e estimula uma leitura conservadora das Escrituras. Mesmo assim, admite que o objetivo dos autores dos textos sagrados era evangelizar e não reconstituir fatos históricos. Segundo ele, é natural que tenham recorrido à ficção para expor suas ideias. Brown considera, por exemplo, que a história das 30 moedas que, segundo a Bíblia, Judas recebeu dos sacerdotes do Sinédrio para entregar Cristo passou a simbolizar o suposto gosto dos judeus pelo dinheiro. (FALCETA JÚNIOR, p. 28-33, grifo nosso)

Isso vem, de certa forma, em apoio ao que deduzimos de nossos estudos bíblicos; sinal que não estamos sendo heréticos sozinhos, embora isso não nos preocupe, pois para nós o que é mais importante é que se restabeleça a verdade.

Vejamos, agora, o que Geza Vermes (1924-2013), renomado exegeta, diz sobre o trecho do Evangelho de Mateus (27,3-10), que cita Judas:

Mateus insere uma breve passagem sobre Judas entre o julgamento de Jesus pelo Sinédrio e a transferência do caso para Pilatos. Ele faz o traidor arrepender-se e devolver o suborno. Os evangelistas são inocentes das especulações modernas sobre motivos elevados de Judas, tal como o seu desejo de forçar Jesus a revelar seu messianismo oculto. Não é dada nenhuma hora exata. Segundo Mateus, o julgamento de Jesus ocorre na casa de Caifás, mas o encontro de Judas com os chefes dos sacerdotes e os anciãos é situado no Templo, local diferente sem dúvida numa ocasião diferente. Como as autoridades sacerdotais se recusaram a aceitar o dinheiro de volta, Judas o jogou fora e, desesperado, enforcou-se. **O restante da história tem toda a aparência de um conto folclórico artificialmente combinado com uma citação escritural para transformar o acontecimento em cumprimento de uma profecia.** Deixados diante de um dilema – o que fazer com o dinheiro de sangue devolvido, impróprio para o tesouro do Templo –, os chefes dos sacerdotes decidem usá-lo para comprar um campo para o sepultamento de estrangeiros. Havia um terreno em Jerusalém conhecido como “Campo de Sangue”, e uma tradição cristã primitiva o associava à desventura de Judas. O aspecto profético do incidente é amplamente produzido por Mateus. **Diz-se que a citação é de Jeremias, mas trata-se de uma invenção ou, mais exatamente, de uma mistura adulterada de Zacarias 11,12-13 e Jeremias 18,2-3; 36,6-15.** É impossível discernir nos extratos bíblicos sequer uma remota ligação com o episódio de Judas. **Aqui, como em muitos outros lugares, Mateus empenha-se em retratar a história da Paixão, perturbadora para crentes e pouco atraente para supostos convertidos, como uma sequência de eventos profeticamente previstos e providencialmente predestinados.** (VERMES, 2007, p. 53-54, grifo nosso)

Esse empenho de Mateus em relacionar Jesus a várias profecias, foi também percebido por nós, inclusive, objeto de um estudo à parte, com o título de “Será que os profetas previram a vinda de Jesus?”, que poder ser visto em nosso site: [www.paulosnetos.net](http://www.paulosnetos.net) (1).

Fechamos com Churton, que disse: “Temos a liberdade de suspeitar que os autores dos Evangelhos realmente não sabiam o que aconteceu”. (CHURTON, 2009, p. 236).

Paulo da Silva Neto Sobrinho  
Set/2004.  
(revisado abr/2015).  
Revisado por Hugo Alvarenga Novaes – dez. 2017

### Referências bibliográficas:

*Bíblia de Jerusalém.* São Paulo: Paulus, 2002.  
*Bíblia do Peregrino.* São Paulo: Paulus, 2002.

1 <http://www.paulosnetos.net/artigos/summary/7-livros-textos/201-ser-que-os-profetas-previram-a-vinda-de-jesus-v110>

- Bíblia Sagrada – Edição Pastoral*. São Paulo: Paulus, 2001.
- Bíblia Sagrada*. Aparecida, SP: Santuário, 1984.
- Bíblia Sagrada*. Brasília, DF: SBB, 1969.
- Bíblia Sagrada*. São Paulo: Ave-Maria, 1989.
- CHAMPLIN, R. N. e BENTES, J. M. *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia*, vol. 3. São Paulo: Candeia, 1995.
- CHURTON, T. *O beijo da morte*. São Paulo: Madras, 2009.
- DURANT, W. *História da Civilização: 3ª parte: César e Cristo*. São Paulo: Cia. Ed. Nacional, 1957.
- EHRMAN, B. D. *Quem escreveu a Bíblia: por que os autores da Bíblia não são quem pensamos que são*. Rio de Janeiro: Agir, 2013.
- EHRMAN, B. D. *Quem Jesus foi: Quem Jesus não foi?: mais revelações inéditas sobre as contradições bíblicas*. Rio de Janeiro: Ediouro, 2010.
- FALCETA JR., W. Últimos momentos de Jesus. *Discovery Magazine*, edição 08, São Paulo: Synapse, mar/2005.
- RENAN, E. *Vida de Jesus*, São Paulo: Martin Claret, 2004.
- VERMES, G. *A paixão*. Rio de Janeiro: Record, 2007.
- Beijo de Judas: <https://www.gospelprime.com.br/wp-content/uploads/2017/01/jesus-e-judas.jpg>. Acesso em: 03 jan. 2020.